

O COMPROMETIMENTO DOS ESTUDANTES DE UM CURSO DE PEDAGOGIA, RELACIONADO À SUA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Maria Elizete Inácio¹
Claus Dieter Stobauss²

Eixo Temático 8 – Desenvolvimento Profissional e Formação Docente

A observação da realidade educacional atual em um contexto que oferece variados cenários, estes marcados por inovações e mudanças cada vez mais rápidas, mostra que se torna imperativo um movimento de (re)significação das posturas dos sujeitos acadêmicos que já não atendem ou atendem, parcialmente, as demandas advindas de uma nova visão de sociedade e de mundo. Considerando que muitos dos estudantes dos cursos de licenciatura em Pedagogia, demonstram alguma resistência em adquirir os saberes necessários e relevantes à formação profissional docente, e a falta de entendimento do que deve compor a formação intelectual de base do futuro pedagogo, acaba por afetar seu comprometimento e dedicação ao estudo, fragilizando assim sua futura atuação profissional. Como aporte teórico foram utilizados autores como Charlot, Tardif, Garcia, Freire e outros que possibilitaram as discussões e análise do tema. A pesquisa teve como finalidade investigar os motivos que resultam na falta de comprometimento e de disciplina dos acadêmicos em adquirir os saberes necessários e relevantes à sua formação inicial docente, tendo como escopo o curso de Pedagogia ofertado por uma instituição privada, em Porto Alegre. A metodologia da pesquisa é qualitativa, através de estudo de caso, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário on-line e observação in-loco, com o método de análise utilizando a análise textual discursiva. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram quarenta e cinco acadêmicos, pertencentes a duas turmas de sétimo semestre, licenciandos em Curso de Licenciatura de Pedagogia EaD, para Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com faixa etária entre vinte e sessenta anos. As quatro categorias elencadas foram: comprometimento acadêmico, disciplina, formação docente e relação com o saber. Como resultado da investigação fica claro que a falta de esclarecimento do entendimento do que deve compor a formação intelectual de base para um futuro pedagogo gerou alguma falta de comprometimento e disciplina nestes acadêmicos. Propomos uma reflexão que atente a mais estudos sobre conhecimentos e atitudes que levem a maiores compromissos na formação inicial docente para uma prática educativa bem-sucedida, sendo recomendando estudos longitudinais que acompanhem o desenvolvimento dos acadêmicos ao longo do curso e nos anos iniciais de sua inserção no campo laboral profissional.

Palavras-chaves: Formação Inicial Docente; Conhecimento; Comprometimento.

Introdução

A observação da atual realidade educacional, em um contexto que oferece variados cenários que são marcados por muitas inovações e aceleradas mudanças, mostra que se torna imperativo um movimento de (re)significação das posturas dos sujeitos acadêmicos, enquanto

¹ Mestranda em Educação. Pontifícia Universidade Católica/PUCRS. meinacio@terra.com.br

² Doutor em Ciências Humanas - Educação. Professor titular na Pontifícia Universidade Católica/PUCRS. stobauss@pucrs.br

licenciandos e a seguir profissionais inseridos no mercado de trabalho, que já não atendem ou atendem, parcialmente, as demandas advindas de uma nova visão de sociedade e de mundo.

Diante disso, o processo investigativo sobre o final da etapa de formação inicial docente nos parece importante para que se conheçam os saberes e percepções dos estudantes do Curso de Licenciatura de Pedagogia EaD, bem como seu comprometimento e relação com os saberes necessários e relevantes a qualificação do futuro educador, para uma educação de qualidade comprometida com o desenvolvimento integral do sujeito para esta nova sociedade.

Antunes (2007, p. 43) enfatiza “que é preciso paixão por educar, por formar seres humanos integrais [...]”. O professor apaixonado pelo seu fazer, aposta na promoção dos seres humanos e se interessa pelo desenvolvimento de todos os aspectos da vida dos seus alunos, mas para isso precisa se instrumentalizar com os saberes e as práticas necessárias ao saber fazer docente.

Freire (1996, p. 67) diz que na experiência educativa “[...] como professor, preciso me mover com clareza na minha prática [...], [...]conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me torna mais seguro no meu próprio desempenho”. Considerando que muitos dos estudantes dos cursos de licenciatura em Pedagogia, demonstram alguma resistência em adquirir tais conhecimentos, pois não percebem a significação que estes têm na sua formação profissional, assim como a falta de entendimento do que deve compor a formação intelectual de base do futuro pedagogo, acabando por afetar seu comprometimento e dedicação ao estudo necessário, fragilizando assim sua formação docente e futura atuação profissional.

Marco Teórico

Utilizamos como aporte teórico os autores considerados já como clássicos, entre eles Charlot (2000; 2007; 2013), Tardif (2005), Garcia (1999), Freire (2009; 2011) e outros.

Tardif (2005, p. 256) concernente à prática profissional, nos diz que:

[...] uma epistemologia da prática profissional é revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes se incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho. Ela também visa compreender a natureza desses saberes, assim como o papel que desempenham tanto no processo de trabalho docente quanto em relação à identidade profissional dos professores.

Garcia (1999, p. 26), comentando sobre a relevância da formação inicial, diz que:

A formação de professores é a área de conhecimento, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didáctica e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores - em formação ou em exercício - se implicam individualmente ou em equipa(sic), em experiência de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objectivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Freire (2011, p. 57) destacou que:

[...] estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

Todos eles lembram que a Educação, como bem já destacava Freire (2011, p. 68), “[...] exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente”.

Metodologia

Esta investigação se caracteriza numa abordagem qualitativa, configurando um estudo de caso de natureza descritivo-analítica, que, segundo Yin (2015, p.17), “[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes”, sendo esta a primeira parte do estudo de caso. A segunda parte, segundo o autor, “surge porque o fenômeno e o contexto não são claramente distinguíveis nas situações do mundo real”.

Realizamos a busca bibliográfica entre periódicos e livros, envolvendo as categorias: comprometimento, disciplina, formação docente e relação com o saber epistemológico, que serviu para a confecção das perguntas do questionário.

Assim, alguns questionamentos se fizeram necessários para nortear nosso trabalho investigativo, tal como informações sobre o perfil dos sujeitos pesquisados, seguido de perguntas para coleta de dados específicos, a saber: Porque escolheste o Curso de Licenciatura em Pedagogia EaD? Relacionado à busca do saber, qual o seu comprometimento/frequência no acesso as ferramentas disponibilizadas no ambiente virtual de aprendizagem/AVA; qual o nível de comprometimento em desenvolver as auto atividades do caderno de estudo; qual o comprometimento na entrega dos trabalhos acadêmicos? Como você organiza seu tempo para estudar?

O processo de coleta de dados ocorreu no primeiro semestre de 2014, quando foi entregue um questionário para os sujeitos participantes da pesquisa, com total adesão dos 45 acadêmicos, que continha questões de resposta fechada, enviado via Google Docs, com respostas guardadas no mesmo veículo midiático, posteriormente categorizados pela Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2014), assim como ocorreu observações in loco.

Como caracterização do grupo de 45 acadêmicos, os mesmos pertenciam a duas turmas de sétimo semestre em 2014/01, com faixa etária entre vinte e sessenta anos, com predominância de mulheres (98%). O nível de escolaridade foi indicado por 51% com

Magistério; 20% Nível Médio Profissionalizante; 9% cursaram a EJA e os restantes 20% fizeram outros cursos. Dos sujeitos pesquisados, 80% trabalham na área da educação, sendo que 58% na etapa da Educação Infantil; 22% no Ensino Fundamental – Anos Iniciais e os 20% restantes em outras áreas fora da educação.

Encaminhamos a carta de apresentação da pesquisa, para a Instituição, que funciona na Grande Porto Alegre-RS, acompanhada da solicitação de autorização para a realização da pesquisa junto aos acadêmicos, concedida para ser realizada no Curso de Licenciatura de Pedagogia EaD, ainda esclarecendo o tempo que seria disponibilizado pelo grupo para a coleta de dados, assim como a participação nos encontros e como ocorreram as observações in-loco. Foi apresentada a pesquisa e seus objetivos e participação de cada sujeito, preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento/TCLE que foi apresentado e entregue a cada participante do estudo, assim como à instituição, de acordo com os artigos 11 e 15 da atual Resolução 510/Seção I.

Resultados e Discussão

A partir desta parte, elencamos as categorias encontradas na análise: formação docente, comprometimento, disciplina e relação com os saberes epistemológicos

Foi realizada categorização inicial, etapa um da análise de conteúdo de Bardin (2014), permitindo resumir os elementos quantitativos em Tabelas (vide Apêndices 1 a 5), fundamentada nas respostas aos itens do questionário.

Pudemos perceber que 80% do grupo entrevistado já atua na área educacional, aparentemente, justificando-se a escolha e procura do curso de Pedagogia, que vinha ao encontro das necessidades teóricas e práticas destes acadêmicos em sua formação inicial. Para Charlot (2007, p. 93), “formar é preparar para o exercício de práticas direcionadas e contextualizadas, nas quais o saber só adquire sentido com referência ao objetivo perseguido”. No caso, parece ser este o interesse na formação inicial docente para sua qualificação e desenvolvimento profissional.

No entanto, ao ser perguntado aos acadêmicos porque escolheram o Curso de Pedagogia EaD, 47% do grupo entrevistado respondeu que escolheram este Curso nesta modalidade pela flexibilidade do tempo, pois têm que comparecer somente uma vez por semana na instituição; somente 31% o buscaram pela qualificação profissional; 9% escolheram pela facilidade de aprendizagem, e 13% porque era a possibilidade de cursar o Ensino Superior.

Sendo assim, evidencia-se que os acadêmicos priorizam muito mais a flexibilidade do tempo do que a qualificação profissional para atuação docente, visto que somente 31%,

relataram que buscam a qualificação e desenvolvimento profissional ao ingressar no curso. O restante, buscaria essa qualificação, parcialmente, concomitante a outras escolhas.

Complementarmente, em trechos observados nos discursos dos acadêmicos no transcorrer das aulas, relataram que buscam muito mais o diploma para a inserção no mercado de trabalho, com possibilidade de melhora do salário ou para se aposentar com uma remuneração melhor, do que pelo próprio saber/conhecimento.

Neste viés, Charlot (2007, p. 139) nos diz que, em muitos países, incluindo o Brasil,

[...] as pesquisas mostram que muitos jovens atualmente não vão à escola para aprender, mas para passar para a próxima série(sic), para obter um diploma e para ter um bom emprego que dê dinheiro. A escola como espaço de saber e de cultura desaparece aos poucos, dando lugar à escola como meio de inserção profissional e de acesso ao dinheiro.

Contribuindo com a formação inicial, no ambiente virtual de aprendizagem/AVA encontram-se recursos que auxiliaram e auxiliarão nos estudos dos acadêmicos, usufruindo de informações relacionadas à busca do saber epistemológico para o seu desenvolvimento intelectual e formativo. Nesse sentido, os entrevistados, quando foram questionados sobre o comprometimento e frequência no acesso a este dispositivo, relatam em 2% que nunca acessam o AVA; 7% raramente acessam; 20% acessam uma vez por mês; 47% acessam uma vez por semana; 22% acessam diariamente e (2% não responderam).

De acordo com o dicionário míni Aurélio da Língua Portuguesa (2004, p. 173), comprometimento significa “ato ou efeito de comprometer-se, envolvimento”.

Conforme Engers e Morosini (2007, p. 99), “o comprometimento do estudante com a aprendizagem é o envolvimento individual com atividades relevantes que são instrumentais para a sua aprendizagem”.

Consideramos que o AVA é uma ferramenta essencial e relevante para a modalidade de ensino a distância, sendo um dispositivo tecnológico disponibilizado pela instituição, que possibilita comunicação em tempo real (síncrona) ou tempos alternados (assíncrona), e que deveria ser acessado diariamente pelos acadêmicos, pela sua utilidade no aprendizado e relação com o saber inerente a sua formação, ficou constatado que 78% não têm assiduidade no acesso, percebendo-se um descomprometimento e indisciplina com essa ferramenta que propicia a busca e aprimoramento da construção do conhecimento necessário a autonomia intelectual e desenvolvimento profissional aos futuros professores.

Ademais, em conformidade com a observação do grupo durante o semestre 2014/01, ainda foi relatado pelos acadêmicos, em sala de aula, a dificuldade de acessar o dispositivo AVA, haja vista alguns não têm as competência e habilidade no uso da ferramenta computador, assim como dos programas e arquivos utilizados pela instituição concedente, e por não acharem necessário e relevante o acesso ao AVA. Sendo isso considerado um dos fatores contribuinte

no descaso, descomprometimento e a falta de interesse na busca pelo saber, este que, essencialmente, instrumentaliza para uma prática educativa e pedagógica bem-sucedida, visto que a relação com o saber epistemológico, via AVA, também é considerada uma forma de estudo e busca do conhecimento para o aprimoramento da autonomia, formação intelectual do sujeito aprendiz, qualificação e desenvolvimento profissional.

Relacionado à busca do saber, quando perguntado aos acadêmicos qual o nível de comprometimento no desenvolvimento das auto atividades do caderno de estudos (material auto-instrutivo), 5% dos acadêmicos respondeu que nunca faz as auto atividades; 53% fazem, às vezes; 36% quase sempre; 4% sempre fazem e (2% não responderam).

Tafner e Silva (2012, p. 9) destacam que:

A expressão “auto” deriva do grego autós que significa “por si próprio”, de si mesmo. Tem inúmeros significados e se relaciona com o perfil de quem estuda na modalidade EaD. A autoaprendizagem é entendida como um processo que leva o estudante, por meio de textos didaticamente preparados à aquisição de certo conhecimento e à satisfação de certa necessidade de aprendizagem, de forma autônoma, sem necessitar da intervenção direta de um professor.

Percebemos que 58% diz que não faz as auto-atividades, evidenciando um descomprometimento para compreender e significar os conhecimentos necessários à sua autonomia intelectual de forma autônoma, visto que somente 4% dizem que sempre desenvolvem tais atividades.

O mesmo cenário também foi visualizado nas observações in loco, sendo desafiador na formação que se aborde e se insista em discutir sobre tal comportamento com estes futuros professores, em relação ao que é ensinado para sua formação e qualificação e as necessidades que terão de enfrentar em seguida quando atuarem como docentes. Desenvolver as auto-atividades é uma das formas de estudo para refinar e dar significância a aprendizagem e produzir conhecimento.

Somado ao exposto, os indicadores encontrados nas observações in loco semanalmente, em referido grupo sobre “fazer as auto-atividades”, contrariam o discurso proferido pelos acadêmicos em 90%, visto que nas observações feitas no momento das correções das auto atividades, foi constatando que raramente ou nunca são desenvolvidas as auto atividades do caderno de estudo, como seria de praxe em um estudo a distância, sendo contextualizado e socializado o conteúdo superficialmente, pois muitos ficam na espera da resposta que será dada pelo professor. Assim, ao serem questionados sobre os conteúdos da disciplina para a respectiva correção, uma minoria responde ao solicitado, não ocorrendo, de forma satisfatória, a contextualização e socialização para uma aprendizagem significativa e necessária à formação e desenvolvimento profissional. Novamente, percebemos certo descaso,

falta de comprometimento, além de certa falta de responsabilidade em relação aos saberes necessários a sua formação docente e prática educativa, e consequente transformação social.

Com relação ao tempo de estudos, Maia e Mattar (2007, apud TAFNER e SILVA, 2012, p. 13) afirmam ser:

[...] essencial planejar o tempo de estudo necessário, indicando em cada dia da semana o que se estudará. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o estudo a distância toma mais tempo do que cursos presenciais. Sendo assim, o aluno precisa desenvolver habilidades para gerenciar seu tempo de estudo.

Uma das formas de aproveitar o tempo é se organizar para aproveitar todos os momentos da vida. Aqui significa dizer que os acadêmicos precisam organizar melhor seu tempo, para conseguir se dedicar mais aos estudos, entre outras atividades sociais e profissionais pertinentes.

Ao organizar melhor o tempo de estudo, criamos rotinas e estabelecemos metas claras para o que queremos alcançar com nossos estudos, visto que a organização do tempo está relacionada muito mais à qualidade de informação, e não à sua quantidade.

Sendo assim, ao ser perguntado aos entrevistados como organizam seu tempo para estudar, 45% responderam que se organizam diariamente; 53% se organizam semanalmente. Constatamos que este percentual vai ao encontro do mesmo percentual daqueles que, às vezes, fazem as auto atividades, e 2% não responderam. Fica-se em dúvida neste sentido, pois em virtude das observações in loco feitas em sala de aula, foi constatado que grande parte dos acadêmicos apenas lê os conteúdos do caderno de estudo nos momentos relacionados à avaliação em sala e que antecedem a avaliação, contrariando as respostas dadas pelos mesmos, quando dizem que se organizam para estudar, semanalmente ou diariamente, em casa. Ou seja, as ações desenvolvidas pelos acadêmicos e vistas nas observação na sala de aula se contradizem.

Para Maia e Mattar (2007, p. 88), “é essencial planejar o tempo de estudo necessário, indicando em cada dia da semana o que se estudará”. Na mesma linha Tafner e Silva (2012, p. 13) afirmam que:

O planejamento do tempo de estudo diz respeito ao tempo disponível às atividades diárias para a leitura do Caderno de Estudos, à resolução das auto atividades ou aos estudos das avaliações. Uma das melhores formas de aproveitar o tempo de estudos é criar rotinas e estabelecer metas diárias a serem alcançadas.

Perguntado aos acadêmicos qual o seu comprometimento e responsabilidade na entrega dos trabalhos acadêmicos solicitados, 5% responderam que consideram ruim seu comprometimento e responsabilidade; 42% consideram bom; 38% consideram muito bom; 13% consideram ótimo (e 2% não responderam). Nas observações constatou-se que vários

acadêmicos, quase a totalidade, não entregam em dia os trabalhos solicitados, não demonstrando responsabilidade nem comprometimento, com raríssimas exceções.

Nesse sentido, podemos discordar das respostas dadas no questionário, em que somente 5% dos acadêmicos reconhece que não têm comprometimento com seus deveres acadêmicos, e o restante (93%) que respondeu se considerar bom, muito bom e ótimo, pois observou-se que muitos são diferentes quando observados, sendo omissos em suas atitudes, pois suas ações em sala de aula não endossam as respostas no questionário. Na realidade, pode estar havendo também uma distinta forma de entender (e/ou aplicar) conceitos e valores sobre os termos utilizados, comprometimento e responsabilidade, pois entregam os trabalhos muitas vezes atrasados e, quando entregam, como observado in loco, não cumprem o calendário acordado. Também cabe lembrar que, muitas vezes, se pode pensar corretamente, mas cumprir compromissos não depende unicamente de vontade, pois há inúmeras outras variáveis que podem interferir no realizar e entregar tarefas.

Novamente, parece ser descaso, falta de comprometimento e responsabilidade, uma incoerência entre a busca do saber necessário em sua formação inicial, não evidenciado pelas respostas e observações, mas existem outros pontos a serem levados em conta, e não simplesmente repetir o que cotidianamente se ouve, de que o ‘aluno não cumpre as tarefas, deixa para a última hora, pensa sempre em que lhe será dado mais tempo, serão mudadas datas, ..., de que é bem coisa de brasileiro’.

Não se percebe uma desmotivação, uma falta de prazer/desejo concomitante ao descaso e falta de comprometimento dos mesmos nesta busca e construção do conhecimento, mas a ‘correria atrás do que tem de realizar o tempo todo’, ao tentar cumprir as tarefas pedidas. Não é realmente tão fácil conciliar a vida pessoal e a profissional, como se lê em um livro. Na observação, se nota que alguns estão na sala de aula de corpo presente, mas o pensamento está muito longe dali, parece que só frequenta a academia na busca de um diploma, mas lá no fundo fica também em aberto: em que estará pensando? Quais seriam seus ‘outros’ problemas, que não só os acadêmicos?

Temos que refletir sobre o que diz Charlot (2007, p. 28), de que “são alunos que nunca entenderam do que é que se trata neste lugar que se chama escola. Sempre estão perdidos, completamente perdidos”. Será mesmo, é só isso, ou existem outros elementos a serem elucidados. Lendo de outra forma: de que forma nós docentes poderíamos auxiliar este futuro docente, agora que está se preparando”. Quantas vezes não sabemos realmente escutar/ouvir nossos alunos, de forma mais holísticas, e o reduzimos ao papel só de aluno em sala de aula, não de ser humano em desenvolvimento?

Infelizmente, concordamos com o autor, pois podemos ter a mesma impressão, de que alguns acadêmicos, mediante as observações in loco, parecem não entender o significado dos conteúdos e disciplinas que compõem o curso e conseqüente formação docente. Claro que nós docentes, muitas vezes com muitos anos de experiência ao longo da carreira, vemos e antevemos elementos não tão claros para estes alunos, e aqui não é somente uma questão de idade cronológica, mas de desenvolvimento de vida e experiências acumuladas ao longo dela. Lembrando conceitos de Vygotsky, conseguimos distinguir uma Zona de Desenvolvimento Potencial/ZDP no nosso aluno que nem sequer percebe, o pensar mais além, o de mediar e facilitar em suas tarefas, proporcionando ‘andaimes’ que os auxiliem.

Ainda, Freire (2009, p.41) nos diz que:

Estudar é um que-fazer exigente de dor, de prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegrias. Mas estudar, por isso mesmo implica a formação de uma disciplina rigorosa que forjamos em nós mesmos, em nosso corpo consciente. Não pode esta disciplina ser doada ou imposta a nós por ninguém sem que isso signifique desconhecer a importância do papel do educador em sua criação. De qualquer maneira, somos sujeitos dela ou ela vira pura justaposição a nós. Ou aderimos aos estudos como deleite, ou o assumimos como necessidade e prazer ou o estudo é puro fardo e, como tal, o abandonamos na primeira esquina.

Se não ocorre o comprometimento e responsabilidade com a entrega dos trabalhos dos acadêmicos, enquanto alunos, entre outros fazeres, ficando-se em dúvida se poderão ensinar/desenvolver estes valores e atitudes, enquanto professor, junto aos seus alunos ou futuros alunos, se eles (os acadêmicos) enquanto alunos na academia não os têm? Reforçando, assim, com a exposição desta situação o descaso e falta de comprometimento com o saber epistemológico e conseqüente relação com este saber para a sua formação inicial e qualificação profissional docente, haja vista o cumprimento efetivo das atividades solicitadas durante o curso ser complemento das aprendizagens, estas imbricadas a *práxis formadora e curiosidade epistemológica* (segundo Freire).

Concordamos com Freire (2011, p. 75), quando o mesmo diz que:

[...] é por isso que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo, com o mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

Considerações Finais

É evidente a relevância e obrigatoriedade do envolvimento dos próprios acadêmicos no desenvolvimento das suas atividades na sua formação inicial, profissionalmente ou

pessoalmente, como ferramenta do saber fazer e de prática como docente transformador, propiciando-lhe o aperfeiçoamento de competências e habilidades profissionais, em contextualização dos conteúdos, habilidades e atitudes.

Pelos dados coletados e analisados percebemos que os acadêmicos não se empenham como deveriam no acesso ao AVA, no ponto de vista da instituição formadora, nas auto-atividades, na entrega dos trabalhos acadêmicos, nos horários de estudos, o que pode comprometer e fragilizar seu aprendizado e relação com o saber, para sua formação e qualificação docente, visto que se não forem transpostos os obstáculos epistemológicos de forma satisfatória, terão, como consequência, futuros obstáculos pedagógicos, precarizando sua eminente inserção no mercado de trabalho, em suas práticas educativas a serem desenvolvidas em sala de aula, mas também como forma intelectual de planejar e executar trabalhos acadêmicos de melhor nível, saber que sempre necessitará aprimorar-se e realizar educação continuada.

Portanto, não cabe mais, neste mundo globalizado e dinâmico, manter a alienação dos acadêmicos em relação aos saberes necessários à sua formação inicial e qualificação profissional aa longo prazo.

Sendo artífice de sua própria formação, cabe também a ele como estudante (não só à instituição que o ajuda em sua formação) entender e comprometer-se mais ativamente em sua formação profissional (e pessoal), ter mais organização e (auto-)disciplina, bem como desenvolver uma boa base intelectual, com habilidades e competências pertinentes ao trabalho como docente, com afetividade e sabendo estabelecer boas relações interpessoais.

Referências

ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Relatos significativos de professores e alunos na educação de jovens e adultos e sua auto-imagem e auto-estima**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da PUCRS, Porto Alegre, 2007.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: edições 70, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed. 2000.

_____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Relação com o saber**, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje [recurso eletrônico/ Bernard Charlot. Porto Alegre: Artmed. 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**. 6. ed ver. E amp. do Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

ENGERS, Maria Emília Amaral; MOROSINI, Marília da Costa. (Orgs.). **Pedagogia Universitária e aprendizagem**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, Tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 21 ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2009.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 2. imp. da 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

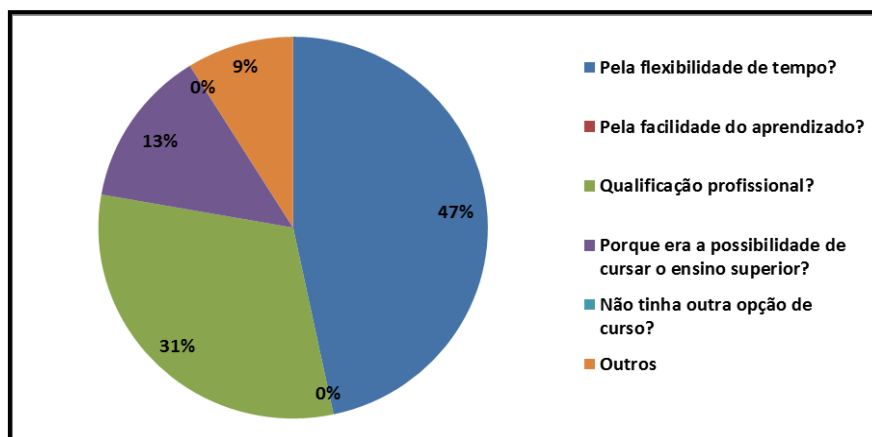
GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores:** Para uma mudança educativa. Porto-PT: Porto Editora, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes. 5ª ed. Tradução: Francisco Pereira. Editoração e organização literária: Deise F. Viana de Castro. 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2015.

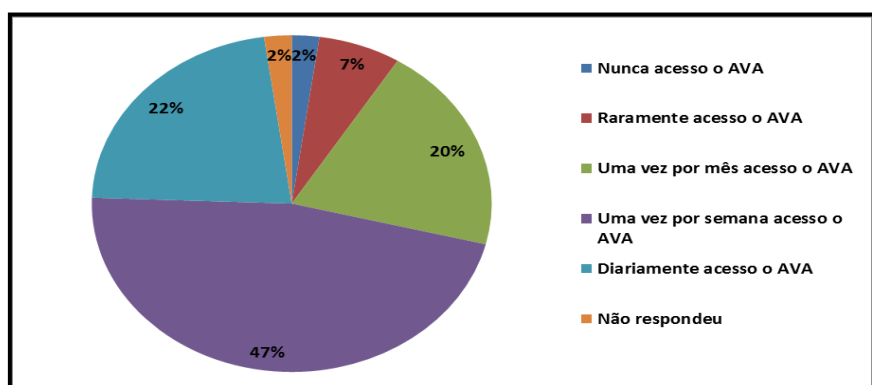
APÊNDICES

Gráfico 1 – Por que escolheste o Curso de Pedagogia EaD?



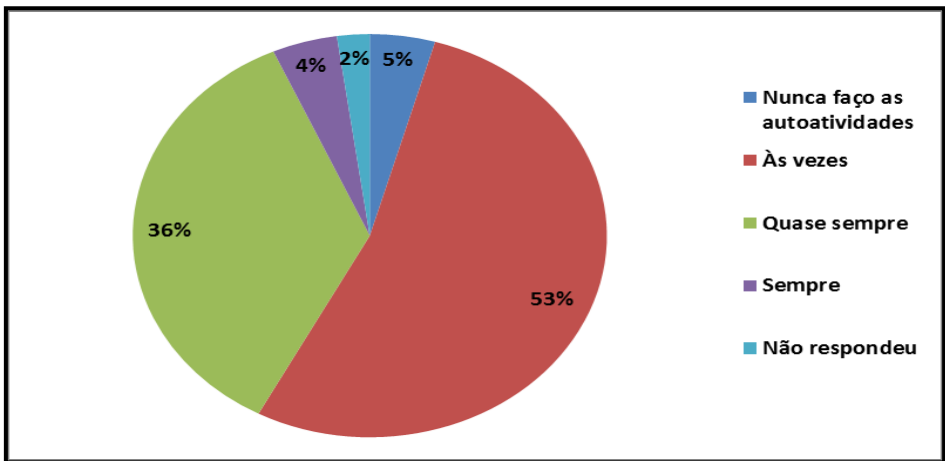
Fonte (autora,2014)

Gráfico 2 - Qual o seu comprometimento/frequência no acesso a ferramentas disponibilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA?



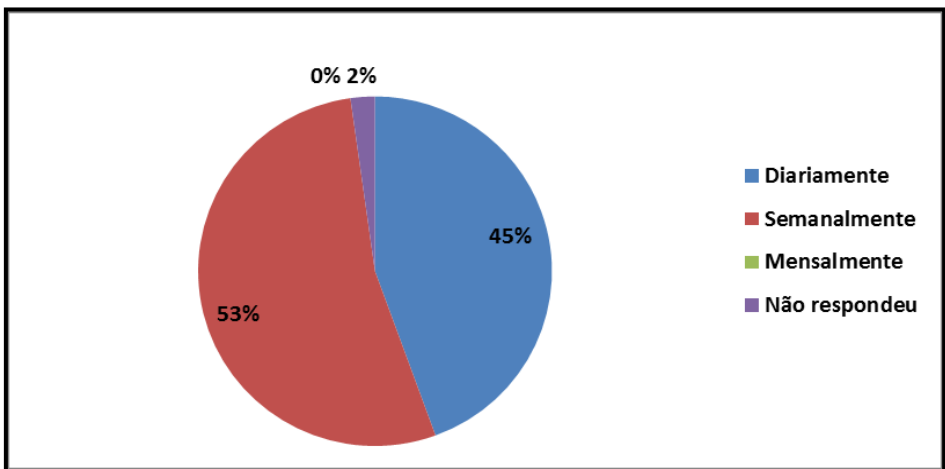
Fonte (autora, 2014)

Gráfico 3 – Qual o nível de comprometimento em desenvolver as atividades do caderno de estudo?



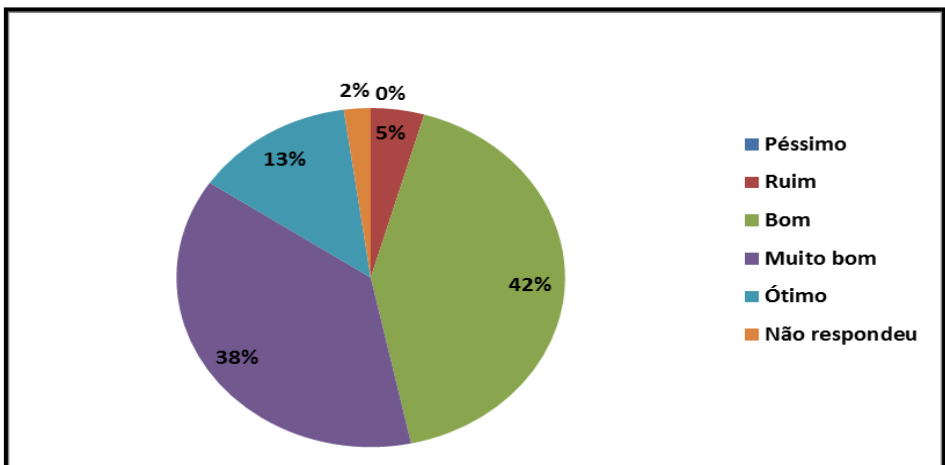
Fonte (Autora, 2014)

Gráfico 4 – Como você organiza seu tempo para estudar?



Fonte (Autora, 2014)

Gráfico 5 – Qual o seu comprometimento na entrega dos trabalhos acadêmicos solicitado?



Fonte (Autora, 2014)